

O CINEMA AO LONGO DO VALE DO RIO TIJUCAS¹

Luís Eduardo Candeia², Renata Rogowski Pozzo³.

¹ Vinculado ao projeto “Corpo Espacial do Cinema: uma Cartografia Social das Antigas Salas de Cinema de Rua de Santa Catarina”

² Acadêmico do Curso de Arquitetura e Urbanismo – CERES – Estudante PIVIC/UDESC

³ Renata Rogowski Pozzo, Departamento de Arquitetura e Urbanismo – CERES – renata.pozzo@udesc.br

O projeto “Corpo Espacial do Cinema”, no qual esta pesquisa mais específica se insere, foi iniciado em agosto de 2016 e teve como objetivo central investigar as salas de cinema de rua presentes no território catarinense ao longo do século XX. Primeiramente, desenvolveu-se uma leitura geográfica sobre a localização dessas salas do ponto de vista regional e intra-urbano. Regionalmente, identificou-se que as salas aparecem primeiramente nos centros regionais da vertente atlântica (como Florianópolis e Blumenau) ainda na primeira década do século, e apenas tardiamente, por volta da década de 1940, chegam a região oeste. O desenvolvimento desse circuito exibidor dialoga com o processo de conquista e povoamento do território, bem como de seu desenvolvimento socioeconômico, chegando Santa Catarina a apresentar cerca de 200 salas de rua em sua história. O inventariamento das salas resultou em um banco de dados e imagens formado por fontes diversas: informações verbais, arquivos pessoais, arquivos históricos municipais, hemerotecas, publicações acadêmicas e blogs pessoais. Nota-se que a partir da década de 1980, as salas passam por uma transição tecnológica e as distribuidoras passam a privilegiar pontos mais lucrativos do território. Assim, as salas de rua vão progressivamente desaparecendo dos centros urbanos das pequenas cidades e se concentrando nas cidades médias, não mais nas ruas, mas nos shoppings, seguindo o modelo multiplex. Com exceção dos grupos empresariais Gracher e Arcoplex, que fizeram a transição do modelo de rua para o multiplex, as demais salas acabaram fechando suas portas.

Passando para a dimensão intra-urbana, percebe-se que com o fechamento das salas de rua, os centros tradicionais das cidades perderam movimento noturno e viram enfraquecer seu caráter de lugar de encontro e sociabilidade urbana. Nessa escala, o projeto buscou relacionar a arquitetura das salas de cinema de rua então catalogadas, com a modernidade que estas pretendiam emanar com seus ornamentos e linguagens. Aqui, também se associou a localização geográfica, a economia e a cultura de cada região com a composição formal das fachadas das edificações. O quadro analisado, a partir de fotografias, entrevistas e revisão bibliográfica, demonstrou que grande parte das salas de rua possuíam linguagem Art-Déco, a qual normalmente era associada com a atividade pelo mundo. Além disso, um número significativo de edificações ecléticas foi encontrado na faixa litorânea do estado, pois é nela que se encontram as cidades fundacionais, pioneiras no povoamento e também na edificação de cinemas.

Com a perspectiva das edificações no estado, sua forma de organização espacial e sua arquitetura traçada (2016-2019), aproximou-se então o estudo para a concepção de um recorte mais detalhado das regiões (2019-2020). A presente pesquisa partiu de uma investigação sobre o circuito exibidor de cinemas de rua do Vale do Rio Tijucas, precisamente no Baixo e Médio Vale, questionando como aspectos relativos à abertura, ao funcionamento e ao fechamento dessas

salas conectam-se com o processo de desenvolvimento regional deste território. Nossa hipótese foi que a implantação deste circuito exibidor é manifestação cultural da sociedade e as salas podem ser abordadas na perspectiva de importantes marcadores do desenvolvimento regional. Nesta medida, a compreensão do contexto socioespacial de inserção das salas de cinema nas cidades lança luz sobre o processo de desenvolvimento regional do Vale entre as décadas de 1920 e 1970. Metodologicamente, a pesquisa partiu da ordem próxima, as salas de cinema tomadas em sua particularidade e, a partir de uma análise histórica sobre cada uma delas, chegou-se às questões de ordem mais ampla, ou seja, as questões de desenvolvimento regional. Os caminhos da pesquisa envolveram levantamento documental, iconográfico e de informações verbais (entrevistas) sobre as salas - material empírico que foi analisado e sintetizado à luz de pesquisas históricas e teóricas.

O Vale do Rio Tijucas está localizado no litoral centro-norte catarinense, faz parte da Associação dos Municípios da Grande Florianópolis e é conformado por 8 cidades: Tijucas, no Baixo Vale; Canelinha, São João Batista e Nova Trento no Médio Vale e; Leoberto Leal, Major Gercino, Angelina e Rancho Queimado no Alto Vale. Ao longo deste Vale, estiveram em funcionamento durante o século XX seis salas de cinema de rua. Foram elas os Cines Manoel Cruz (1926/193-) e Lohse (195-/19--) em Tijucas; os Cines Canelinha (1956/19--) e Astória (1953/19--), em Canelinha; o Cine São João (196-/1979) em São João Batista e; o Cine Lindoia (1954/19--), em Nova Trento. A cidade de Tijucas foi pioneira ao receber a implantação de um cinema em 1926, o Cine Theatro Manoel Cruz, sendo a única a apresentar uma sala durante as décadas de 1920 e 1930. A sétima arte adentrou o vale a partir da década de 1950, quando se desenha um novo período de abertura e funcionamento simultâneo de cinemas em Canelinha, São João Batista e Nova Trento, bem como é implantada uma nova sala em Tijucas. Portanto, o desenvolvimento deste circuito de exibição fragmenta-se no espaço e no tempo em dois momentos. Nas duas primeiras décadas do século XX a cidade de Tijucas viveu uma ascensão econômica acelerada, porém passageira, vinculada ao movimento portuário de importação e exportação, quando é inaugurado o Cine Theatro Manoel Cruz, fruto do investimento de um comerciante local. Com a crise dos capitais comerciais deflagrada pela grande crise mundial de 1929, a sala encerra suas atividades no final da década de 1930. A partir da década de 1950, a abertura das outras cinco salas de cinema que o Vale do Tijucas abrigou não está mais vinculada a uma expansão de investimento do capital comercial, mas a diferentes contextos socioeconômicos, históricos e territoriais.

Ao longo dos 4 anos de desenvolvimento do projeto, os recortes de análise citados acima, geraram diferentes produções. Os artigos “Cartografias do Cinema” e “Espaço e Cultura”, apresentadas no XV SIMPURB (Salvador, 2017); “A Cotidianidade do Cinema”, publicado na revista Contracampo (2017); “Projeções da Modernidade”, publicado nos anais do XVIII ENANPUR (Natal, 2019); “Destinos da Memória” apresentado no XXIII Encontro da SOCINE (2019) e “Telas Migrantes”, publicado na Revista REBECA (2020). A pesquisa desdobrou-se ainda em três Trabalhos de Conclusão de Curso e um mestrado (em andamento). Salienta-se que a pesquisa desenvolveu-se em associação com a extensão (através do programa “Cidade Reencontrada: tempos e espaços para o cinema em Laguna”) e o ensino (mediante a criação da disciplina optativa “O Cinema na Cidade” no curso de Arquitetura e Urbanismo). Atualmente, um livro está em construção, para publicação dos resultados de forma ampla e completa.

Palavras-chave: Salas de Cinema de Rua. Santa Catarina. Vale do Rio Tijucas.